

## A MULHER NO UNIVERSO IMIGRANTE ALEMÃO DO SUL DO BRASIL NO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE DE *VIDEIRAS DE CRISTAL* E A DIFUSÃO DA MEMÓRIA SOBRE JACOBINA MENTZ MAURER

Daniel Luciano Gevehr\*

### RESUMO

Este artigo aborda a importância desempenhada pela obra “Videiras de Cristal”, de Luiz Antonio de Assis Brasil no processo de produção da memória social sobre a líder do conflito Mucker (1868-1874), Jacobina Mentz Maurer. O estudo insere-se no campo dos estudos culturais e tem como objetivo discutir as relações existentes entre a literatura e a história, buscando através desse diálogo interpretar como a produção (e difusão) de determinadas ideias, imagens e representações desempenham significativo papel no campo social. Nesse sentido, privilegiamos a análise da personagem e sua relação com o morro Ferrabraz, local onde ocorreu o conflito, bem como a relação que se estabelece entre Jacobina e seu combatente, o Coronel Genuíno Sampaio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória social. Representação Social. Jacobina Mentz Maurer.

### ABSTRACT

The present article aims at addressing the importance of Luiz Antonio de Assis Brasil's literary work entitled “Videiras de Cristal” within the production process of the social memory around the leader of the Mucker movement (1868-1874), namely, Jacobina Mentz Maurer. This study is in the scope of cultural studies and aims at discussing the relationship between literature and history, in which it pursues a better understanding on the extent to which the production (and dissemination) of certain ideas, images and representations play a meaningful role in the social field. Thus, we have elected the analysis of the before mentioned character and her relationship with the Ferrabraz hill, where the conflict per se took place. We also aim at discussing the relationship between Jacobina and her opponent, Colonel Genuíno Sampaio.

**KEYWORDS:** Social memory. Social representation. Jacobina Mentz Maurer.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em nosso estudo procuramos analisar as representações sociais construídas sobre o cenário principal em que o conflito Mucker ocorreu e de forma especial sobre a personagem principal do conflito, Jacobina e seu combatente, Genuíno Sampaio. Local de moradia e de realização dos cultos de Jacobina e das práticas de

---

\* Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e professor da Faculdades Integradas de Taquara e Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). E-mail: [danielgevehr@hotmail.com](mailto:danielgevehr@hotmail.com)

curandeirismo de João Jorge Maurer (marido de Jacobina), o morro Ferrabraz foi alvo de várias interpretações feitas por diferentes autores. Como exemplo disso, temos “Videiras de Cristal”, escrito por Assis Brasil. A obra em questão foi responsável pela difusão de uma determinada interpretação dos fatos que marcaram o conflito e seus personagens e desempenhou papel preponderante na difusão de representações sobre o cenário do conflito e especialmente sobre a líder dos Mucker.

Consideramos que as representações sociais construídas sobre o morro Ferrabraz e sobre Jacobina não se encontravam apenas em textos historiográficos<sup>1</sup>, mas também em diferentes formas narrativas<sup>2</sup>. Privilegiamos nessa pesquisa uma dessas formas narrativas, que é a literatura, compreendida nesse contexto como um importante veículo de difusão das representações sobre os Mucker.

Nesse caso, iniciamos nossa análise refletindo sobre aquilo que Michel Pollack denominou de “trabalho especializado de enquadramento.”<sup>3</sup> De acordo com o autor, a memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida. Quanto a essa questão, observamos que as representações construídas sobre os Mucker inseriam-se precisamente nesse contexto, no qual a memória foi manipulada de forma que a imagem produzida sobre os Mucker foi enquadrada segundo os objetivos de cada autor e de acordo com sua época.

Considerando as afirmações de Pollack, podemos ainda analisar as representações sociais ligadas àquilo que Seixas descreveu como um conjunto de interesses coletivos, no “qual lembramos menos para conhecer do que para agir.”<sup>4</sup>. Segundo a autora, a memória está menos ligada ao processo de entendimento do

---

<sup>1</sup> Para Ferreira a caracterização e análise das formas e conteúdos presentes nas representações sociais podem ser realizadas a partir da investigação das mais variadas fontes. Entre elas, Ferreira destaca a análise realizada a partir de textos historiográficos, os diversos tipos de discursos (jurídicos, médicos, filosóficos, teológicos), os textos literários e as pinturas, os museus, as narrativas cinematográficas, entre outras (FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru: EDUSC, 2004)

<sup>2</sup> Quando nos referimos aos diferentes tipos de narrativa sobre os Mucker, estamos tratando das diferentes formas com que elas se apresentam. Nesse caso, consideramos como narrativas as representações sociais construídas sobre os Mucker e perceptíveis tanto nos textos historiográficos e literários quanto na imprensa e no cinema.

<sup>3</sup> POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989. p. 11.

<sup>4</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 53.

passado, mas sim diretamente identificada com os interesses que fazem as pessoas lembrarem de um determinado fato. Nesse sentido, a memória pode ser manipulada de acordo com os interesses de determinados grupos e de determinadas épocas. De acordo com Seixas, não existe uma memória desinteressada. Ao contrário, a memória teria um destino prático, realizando a síntese do passado e do presente visando ao futuro, buscando os momentos passados para deles se servir.

Ainda em relação às representações e seu campo de produção, valemo-nos dos estudos realizados por Peter Burke, para quem uma paisagem (ou, neste caso, a sua descrição) evoca associações políticas ou até mesmo uma ideologia.<sup>5</sup> Analisando o morro Ferrabraz, localizado em Sapiranga, a partir da teoria proposta por Burke, pensamos o cenário do conflito Mucker como um símbolo da maior importância.

É nesse contexto que procuramos analisar as representações difundidas sobre o morro Ferrabraz, Jacobina e Genuíno. Compreendidos num espaço de luta simbólica pela imposição de determinadas imagens sobre eles, o lugar e os personagens passaram por um processo de reelaboração através dos escritos de Assis Brasil. Nesse sentido, “Videiras de Cristal”<sup>6</sup> representou, sem dúvida, o início de uma fase na qual o tema Mucker deixava de ser um tema proibido entre as comunidades imigrantes do Vale do Sinos e difundiu uma nova imagem – muito mais positiva – sobre os Mucker.

Para compreender o processo de construção dessas representações veiculadas por “Videiras de Cristal”, consideramos fundamental resgatar a análise feita por Lúcia Lippi Oliveira<sup>7</sup>, quando essa afirma que a origem das representações dos heróis da história nacional encontra-se precisamente na descrição heroizada dos personagens, inscritas num campo de batalha simbólica. Já Carvalho, nos mostra que “os traços de heroísmo, de virtudes cívicas, oferecidos aos olhos do povo, eletrificam suas almas e fazem surgir as paixões da glória, da devoção à felicidade de seu país.”<sup>8</sup> Assim, notamos que a construção das representações sobre Jacobina e Genuíno como heróis em determinados veículos de representação

---

<sup>5</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004, p. 54-55.

<sup>6</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Videiras de cristal**. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Lucía Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **História Cultural: Experiências de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 68.

<sup>8</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: 1990, p. 11.

acabaram solidificando a visão de uma história construída principalmente a partir das suas ações. Daí ser possível afirmar que a obra produzida por Assis Brasil transformou de forma evidente a imagem da líder dos Mucker, na medida em que relativizou vários elementos que até aquele momento encontravam-se “solidificados” no imaginário social.

## **A LITERATURA E A (RE)PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA**

Em nossa análise de “Videiras de Cristal”, entendemos que o autor apresenta Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio como personagens antagônicos, situados em lados opostos do conflito. Assim, iniciamos nossa análise sobre os personagens centrais do conflito apresentando, de forma abrangente, a biografia de Jacobina Mentz Maurer.

Em relação a ela, sabe-se que nasceu em data desconhecida do mês de junho de 1842, na localidade de Hamburgo Velho, atual município de Novo Hamburgo – RS. Era filha do casal de imigrantes alemães, André Mentz e Maria Elisabeth Muller, que, além de Jacobina, possuíam mais sete filhos. Jacobina foi confirmada em 04 de abril de 1854 na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil de Hamburgo Velho, onde viria a se casar com João Jorge Maurer. Foi assassinada em 02 de agosto de 1874, quando foi descoberta, pelas forças oficiais, em seu esconderijo na mata fechada, ao pé do morro Ferrabraz.

Sobre suas características físicas, pouco sabemos, em razão de não termos qualquer retrato<sup>9</sup> seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real de Jacobina. A Jacobina criança teve sérias dificuldades na escola, não tendo conseguido aprender a ler e escrever. Segundo os diagnósticos do Dr. João Daniel Hillebrand, Jacobina apresentava, desde criança, sinais de transtornos nervosos que haviam se agravado em sua fase adulta, quando iniciou a leitura e interpretação da Bíblia<sup>10</sup>. Hillebrand apontava seu marido, João Jorge Maurer, como o responsável

---

<sup>9</sup> A única fotografia que representaria Jacobina é aquela atribuída ao casal Maurer, cuja autenticidade é amplamente questionada. Acredita-se que a fotografia não retrate Jacobina e seu marido João Jorge Maurer. A não existência de uma imagem concreta de Jacobina Mentz Maurer torna sua personagem ainda mais misteriosa. A fotografia, contudo, é constantemente empregada, para conferir um rosto à personagem.

<sup>10</sup> Embora Jacobina seja apresentada na historiografia como analfabeta, devemos repensar essa afirmação, tendo em vista o fato de que lia a Bíblia e cantava os hinos em alemão.

pela doença da mulher, já que, segundo seu entendimento, ele a obrigava a praticar charlatanismo.

Encontrado em lado oposto dessa história temos o Coronel Genuíno Olympio de Sampaio. Ele nasceu em 1822, na Bahia e iniciou cedo sua carreira militar, sendo que aos quinze anos de idade já havia participado, como cadete, no combate realizado contra os revoltosos no episódio da Sabinada, revolta que havia se iniciado em 1837, na Bahia. Pelos atos de bravura demonstrados naquela ação, Genuíno foi promovido a Alferes de Comissão. Em 1838, Genuíno Sampaio chegou ao Rio Grande do Sul para lutar ao lado das forças imperiais na Revolução Farroupilha, que eclodiu na Província em 1835 e que se estendeu até 1845. Mais tarde, já coronel, Genuíno voltou ao Rio Grande do Sul, vindo a comandar a guarnição de uma parte da fronteira e, depois, fixando residência em Porto Alegre, onde comandava seu batalhão.

Com a eclosão do conflito na Colônia Alemã de São Leopoldo, o coronel foi chamado para apaziguar e acabar com o conflito entre os colonos do Ferrabraz. Foi durante essa ação que Genuíno morreu, no dia 21 de julho de 1874. A causa de sua morte é bastante discutida, havendo diferentes versões, prevalecendo a de que esse teria sido morto pelos Mucker.

Diferentemente da personagem Jacobina, identificada em parte da historiografia como responsável pelo conflito, Genuíno Sampaio foi apontado pelas autoridades e consagrado à época dos acontecimentos como o herói do conflito, que deu sua vida para proteger a população da colônia alemã de São Leopoldo contra os Mucker. A representação construída sobre Genuíno Sampaio e que se consagrou no imaginário da população de São Leopoldo foi a do militar que tombou em nome da civilização contra a barbárie. Nesse caso, Genuíno representava a lança da civilização, enquanto os Mucker representavam o universo bárbaro, não civilizado. Essa imagem se fez presente, de forma mais evidente, até as últimas décadas do século XX, quando então Jacobina passaria a ser glorificada no imaginário coletivo.

Para Jacques Leenhardt<sup>11</sup>, a literatura exerce um papel fundamental na formação dos imaginários sociais, na medida em que expõe a opinião do autor, ao mesmo tempo em que se apresenta descompromissada com a “verdade” dos fatos

---

<sup>11</sup> LEENHARDT, Jacques. As Luzes da Cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

históricos. Para ele, a literatura se mostra de forma explícita, podendo realizar afirmações sem grandes conseqüências, uma vez que não tem a pretensão de desempenhar o mesmo papel da história.

Isso não impede segundo sua análise, que a literatura acabe por desempenhar um papel de fundamental relevância, na medida em que veicula idéias e versões sobre um determinado tema da história. É precisamente esse o caso da obra publicada por Assis Brasil, que desempenhou papel de difusora de determinadas versões sobre o conflito Mucker.

A publicação da primeira edição de “Videiras de Cristal”, por Luiz Antonio de Assis Brasil<sup>12</sup>, em 1990, desempenhou papel de fundamental importância, por ter sido a obra de maior circulação entre o público leitor desde a primeira publicada sobre o tema, a de Ambrósio Schupp, editada pela primeira vez em português no ano de 1906. Acreditamos, também, que sua obra contribuiu para a retomada da discussão e para o fomento de novos estudos sobre o tema por diferentes áreas do conhecimento.

## **O LUGAR DE JACOBINA: O MORRO FERRABRAZ NA VISÃO LITERÁRIA**

No romance de Assis Brasil, encontramos o morro Ferrabraz com múltiplas faces. A representação construída pelo autor<sup>13</sup> não nos leva a pensar num espaço apenas físico, mas também no Ferrabraz como espaço de conflito, de devoção e de fervor religioso. Inicialmente, o Ferrabraz é apresentado como um lugar:

[...] escuro e coberto de mata espessa, crescia em meio à paisagem como uma advertência de mistério. Era povoado por bugios e seus roncões enchiam o vale com presságios de outro mundo. Na Picada anoitecia mais cedo, e a manhã custava a chegar. Mesmo no verão a selva adjacente mantinha-se úmida, recendente a folhas podres.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Luiz Antonio de Assis Brasil nasceu em 1945, em Porto Alegre. Viveu parte de sua infância no município de Estrela – RS, onde conheceu a cultura da população teuto-brasileira. Retornando à Porto Alegre, Assis Brasil estudou com os padres jesuítas, vindo a se formar em Direito em 1970. É Doutor em Letras e, atualmente, exerce a função de professor titular do Programa de Pós-graduação em Letras na PUCRS. O autor possui uma vasta produção literária, que já lhe conferiu várias premiações.

<sup>13</sup> Um fato interessante na obra de Assis Brasil é que o narrador, desde o início da obra, é um dos personagens criados pelo autor. Christiano Fischer é o narrador da história e é através de seu personagem que foram apresentados o cenário e os demais personagens envolvidos no romance. Com esse recurso, Assis Brasil se isenta da versão apresentada, passando essa responsabilidade para o próprio personagem narrador.

<sup>14</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 20.

A descrição feita por Assis Brasil torna evidente a associação do morro Ferrabraz com um lugar de mistério e escuridão, vinculando-o a um ambiente propenso a fatos sobrenaturais. Nesse momento, o romance leva o leitor a um mundo de fantasias, já que a descrição física do morro confunde-se com fatos de “outro mundo”. Percebemos, ainda, a preocupação do autor em descrever o clima de devoção religiosa existente no Ferrabraz, caracterizando o morro como um verdadeiro espaço *sagrado*, de intensa devoção e fervor religioso.

Enfatizando a devoção e o fervor decorrente das pregações feitas por Jacobina, Assis Brasil destaca também a atuação de João Jorge Klein, cunhado de Jacobina. É interessante observar a forma como o ambiente do Ferrabraz é usado para explicar a conversão de Klein à nova religião. Num diálogo<sup>15</sup> travado entre Klein e o pastor Boeber, a selva do Ferrabraz é utilizada por este último para justificar a decadência moral de Klein.

No romance, é enfatizada a condição de refúgio do morro para os adeptos de Jacobina. Para demonstrar a dinâmica que caracterizou o conflito, o autor recorre à descrição da geografia acidentada, que teria dificultado inúmeras vezes a movimentação das tropas oficiais:

Na encosta do morro a floresta era tão espessa que os diferentes pontos de vigia não se enxergavam uns aos outros. A comunicação com a choupana de Jacobina dava-se através de trilhas a facão e serrote. O chão úmido não era firme o suficiente, e era preciso agarrar-se aos troncos das árvores para vencer a forte inclinação do terreno.<sup>16</sup>

Assis Brasil enfatiza também as dificuldades enfrentadas pelos Mucker face ao avanço dos soldados. Local de natureza selvagem que se converte em espaço de devoção e fervor religioso: é essa a representação do morro Ferrabraz no romance de Assis Brasil. Valendo-se do recurso da criação entre os personagens, a história contada pelo autor articula o espaço e a dinâmica do conflito.

## **JACOBINA E GENUÍNO: PROTAGONISTAS (ANTAGÔNICOS)**

Em “Videiras de Cristal” encontramos a representação da personagem Jacobina de forma bastante diferente daquelas apresentadas até aquele momento.

---

<sup>15</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 181.

<sup>16</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 518.

Essas diferenças devem ser compreendidas a partir das características do texto de Assis Brasil, que não se propôs a recontar a história dos Mucker. Trata-se de uma obra de literatura, em que os personagens, ainda que baseados em fatos reais, não têm o compromisso de estar de acordo com aquilo que de fato aconteceu.

Na obra em questão, Jacobina é inicialmente apresentada a partir do diálogo travado entre seu marido João Jorge Maurer, descrito pelo autor como alguém analfabeto e de pouca inteligência, e Ana Maria Hofstätter, personagem que acompanhara Jacobina ao longo da história. Ana Maria questiona Maurer sobre como era sua esposa. Maurer imediatamente responde, de forma curta e direta: “Tem seu gênio, mas é uma boa mulher. Você logo se acostumará.”<sup>17</sup>

Considerando a resposta de Maurer, deduz-se que o temperamento de Jacobina era difícil, o que tornava as expectativas de Ana Maria ainda maiores, pois a visão do Ferrabraz para ela já era algo que assustava. Chegando à casa de Maurer, no Ferrabraz, Ana descobre que o local mais se parecia com uma enfermaria, devido ao número de doentes que lá estavam. Em seguida, é apresentada à sua nova patroa, Jacobina. Nesse momento, o narrador descreve Jacobina: “Frau Maurer tinha um perfil suave e pálido e estava deitada sobre a cama ao centro do quarto, os braços caídos sobre o lençol, os olhos fixos no teto.”<sup>18</sup>

Jacobina teve algumas de suas características físicas e de seu comportamento destacadas, sobretudo as que evidenciam seu perfil suave, embora pálido, característica de quem estava adoentada e passava a maior parte dentro de casa. O aspecto de doente foi enfatizado na medida em que o relato dizia que Jacobina foi encontrada com os braços caídos e olhando fixamente para o teto da casa, como se estivesse em transe.

Apesar dessas características iniciais, logo em seguida o narrador ressalta a força do seu olhar: “Frau Maurer trazia os cabelos aparados muito baixos, em caracóis dourados que se colavam ao crânio e às têmporas. A lividez do rosto não esmaecia a força dos olhos, brilhantes, azuis e temerários.”<sup>19</sup>

A força e o brilho dos olhos de Jacobina representavam a força interna da personagem que, embora frágil fisicamente, mostrava-se forte em seus princípios. Também são ressaltadas suas condições psicológicas, evidenciadas no tratamento

---

<sup>17</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 20.

<sup>18</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 24.

<sup>19</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 24.

dispensado ao filho. Jacobina é apresentada como uma boa mãe, que contava com o carinho de seu marido João Jorge Maurer, sempre preocupado com o bem-estar da esposa adoentada. A forma como cuidava do filho, em idade de amamentação, deixava claro o quanto era uma mãe dedicada.

Em outro trecho da obra, no entanto, Jacobina é representada como “essa mulher tão estranha, com ataques desde criança”<sup>20</sup>, sobre a qual recaía a herança familiar, de transe e êxtases religiosos que assolavam a família Mentz. A ênfase dada à religiosidade da personagem fica evidente na descrição feita sobre sua aparição durante as festividades realizadas no Ferrabraz. Em um ambiente festivo, Jacobina surge da seguinte maneira:

[...] voltaram-se para a porta da casa, onde Jacobina surgia, vestindo uma camisola branca, os cabelos congelados por flores, dando o braço a Rodolfo Sehn. Por instinto todos dobraram os joelhos. Robinson o Ruivo foi até ela e, ajoelhando-se nos degraus da porta beijou os pés desnudos.<sup>21</sup>

O autor associou a personagem à imagem de uma líder religiosa que se parecia com Jesus Cristo. Na obra, são recorrentes as narrativas que demonstram que os adeptos de Jacobina identificavam-na com a imagem do próprio Cristo. Recriava-se o ambiente de devoção e fervor religioso, com cenas em que todos os presentes se ajoelhavam, em sinal de respeito e adoração à sua líder espiritual.

Cabe ressaltar que Jacobina não aparece sozinha na cena que mencionamos acima. Ela aparece aos seus adeptos na companhia de Rodolfo Sehn, que lhe segurava o braço. A simbologia da cena leva-nos a refletir sobre seu significado, já que remete à ausência do marido João Jorge Maurer e a sua substituição pelo personagem Rodolfo, amante de Jacobina.

Na continuação da história, teria ocorrido o desentendimento com a família Kassel, que se retirou do grupo, em meio a acusações que teriam levado Rodolfo a defender Jacobina. Os presentes foram tomados de surpresa pelo que ocorreu depois:

Jacobina caminhou até Rodolfo, curvou-se, ergueu-lhe ternamente o rosto e beijou-o na boca. Dirigiu-se ao povo:  
- Que este beijo se transmita a todos vocês. E que seus ouvidos sejam surdos a todas as mentiras. Que o espírito Natural desça sobre vocês.

<sup>20</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 30.

<sup>21</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 311.

Primeiro Rodolfo Sehn, depois o Mutilado, mais além os restantes homens e mulheres, todos começaram a chorar.<sup>22</sup>

A cena do beijo, dado por Jacobina em Rodolfo, é apresentada pelo narrador para expressar o sentimento de fraternidade existente entre os Mucker. Jacobina é também apresentada por Assis Brasil como a líder dos Mucker que, preocupada com os acontecimentos, tentava acalmar os ânimos no Ferrabraz.

À personagem são atribuídas a persistência e a força nas horas mais difíceis da história, especialmente nas cenas de desfecho da trama. Na obra de Assis Brasil, a personagem Jacobina não esmoreceu nem mesmo nas horas mais difíceis, em que os soldados atacaram violentamente o Ferrabraz e incendiaram sua casa, localizada ao pé do morro. Em decorrência desse ato, Jacobina e parte de seus adeptos refugiaram-se na subida do morro, onde procuraram se esconder dos inimigos e encontrar abrigo para sobreviverem ao ambiente hostil, somado ao frio do inverno. Diante das atitudes e das dificuldades que levaram o grupo a fraquejar, Jacobina teria se mantido firme, confortando seus fiéis, que não a tinham abandonado e assim:

Apenas a Mutter os confortava. Envolta no capote de Rodolfo Sehn, percorria os pontos de guarda como um anjo da esperança, só voltando para a choupana depois de encorajar com o ósculo da paz a cada um dos homens trespassados de frio. Mais de uma vez ela os substituiu em tempos de vigília. Viram-na então imóvel, o olhar fixo no emaranhado vegetal da floresta, a espingarda pronta. Nada dizia, e quase juravam que não respirava. Se chegassem perto, ela fazia um peremptório sinal de que estava bem, podiam deixá-la.<sup>23</sup>

Como podemos observar, a *Mutter*, como era chamada pelos seus adeptos, desempenhou papel comparado ao de um anjo da esperança, que, através da prática do ósculo (beijo), incentivou o grupo a seguir em frente, na luta pela defesa de seus ideais. Também o caráter guerreiro da personagem foi destacado na obra, uma vez que Jacobina precisava ser forte para suportar os ataques de seus inimigos. Sensibilidade e força são duas das características enfatizadas por Assis Brasil nesse trecho da obra.

---

<sup>22</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 314.

<sup>23</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 518.

Na descrição do desfecho do conflito, mais uma vez o autor remete à ausência do marido Maurer e ao apoio dado por Rodolfo Sehn, cujo capote protegia Jacobina do frio e da chuva do Ferrabraz:

Se a Mutter era esta presença iluminada, assegurando que apesar das sombrias previsões ela ainda era deles e que com eles compartilharia os dias futuros, o nome do *Wunderdoktor* nunca mais fora pronunciado, tornando-se uma sombra de existência incerta, perdida nos desvãos do passado.<sup>24</sup>

As representações de Jacobina, veiculadas pela obra de Assis Brasil, não a “incriminam” nem a seu grupo. Pelo contrário, o perfil biográfico construído pelo escritor para a personagem evidencia sua pretensão de lançar um novo olhar, não apenas sobre o tema, mas principalmente sobre Jacobina, cuja imagem era predominantemente negativa até a publicação de sua obra na década de 1990.

A atuação de Genuíno Sampaio como chefe das operações militares contra os Mucker também foi destacada pela narrativa de Assis Brasil. Nela, o narrador procurou caracterizar o personagem do ponto de vista psicológico e principalmente de sua atuação como militar no combate aos Mucker. Nesse sentido, observamos a preocupação do narrador em enfatizar as origens e a trajetória percorrida por Genuíno até chegar no Ferrabraz em 1874. Para tanto, destacou o fato deste ser, em sua época, um militar bastante conhecido, cuja fama lhe conferia o título de um nobre militar. Segundo o narrador:

O Coronel Genuíno Sampaio não era apenas ele, mas também a sua fama. Adquirira-a de modo gradual, percorrendo os postos da carreira como quem galga uma elevação dotada aqui e ali de alguns degraus inesperados. [...] Era conhecido como audacioso em combate, embora isso não o distinguisse de uma legião de oficiais cujos nomes constavam no *Diário do Governo* na época das promoções; todos eram bravos, todos audaciosos e em algum momento haviam praticado o seu ato heróico.<sup>25</sup>

Após discorrer sobre as participações de Genuíno em conflitos nacionais e internacionais, o narrador procurou enfatizar seu caráter único, que o distinguia dos demais oficiais de sua época afirmando que:

Assim Genuíno chegou ao coronelato com o renome burocrático que qualquer militar, se não fosse um frouxo, poderia desfrutar. Algo o fazia

<sup>24</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 518.

<sup>25</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 398-399.

diferente, mas não único – um tapa-olho negro na vista esquerda, marca visível de sua bravura. Esta característica, somada à figura seca e trigueira, tornou-o lendário mesmo entre os camaradas. Considerava a Infantaria a mais nobre das armas e votava nos conservadores.<sup>26</sup>

Como podemos acompanhar, a narrativa de Assis Brasil atribuiu qualidades morais à Genuíno Sampaio, que foi representado na obra como um bravo militar. Entre as suas características, estava o fato de ser bravo e audacioso em combate, o que havia o transformado em herói. O narrador apresentou ainda uma breve descrição física do personagem, que usava um tapa-olho no lado esquerdo. Esse elemento foi empregado pelo autor para demonstrar a bravura de Genuíno em combate, cujo ferimento no olho servia de prova dos seus atos heróicos.

A representação da figura heróica ficou bastante evidente na forma como o personagem foi apresentado na obra de ficção. Essa representação contribuiu para a formação de um imaginário que coloca Genuíno no lugar de herói do conflito, tendo exercido um papel preponderante no extermínio dos Mucker.

Para tal empreendimento, as atitudes tomadas pelo personagem revelavam sua audácia e coragem. Em combate, Genuíno acabava revelando sua face belicosa que, diante do inimigo, tomava decisões que muitas vezes faziam seus colegas estremecerem.

Esse aspecto pode ser exemplificado se tomarmos a passagem em que ele ordenou atear fogo na casa de Jacobina. Naquele momento, Genuíno foi representado como um militar cuja ação desconsiderava qualquer sentimento de complacência. Diante da presença do inimigo, Genuíno ordenou: “Que torrem! – diz Genuíno. – Que torrem! – repete, já um pouco assustado com a dimensão de sua proposta. – Somos humanos, mas não podemos ser complacentes com a obstinação suicida.”<sup>27</sup>

De acordo com a narrativa acima, podemos perceber que o caráter militar de Genuíno foi enfatizado, na medida em suas ordens deveriam ser cumpridas pelos seus comandados. Genuíno era, naquele momento, a autoridade máxima no campo de batalha e, portanto, responsável pelo extermínio dos Mucker. Entretanto, a bravura de Genuíno encerrou-se no momento em que ele, desconsiderando os possíveis ataques inesperados do inimigo, acabou se ferindo em meio ao tiroteio

<sup>26</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 398-399.

<sup>27</sup> ASSIS BRASIL, 1997, p. 489-490.

instalado em seu acampamento. Em decorrência de uma bala perdida, o personagem acabou perdendo a vida e sendo substituído no campo de batalha.

As incursões militares realizadas por Genuíno Sampaio no Ferrabraz foram o foco narrativo presente no momento em que Assis Brasil descreveu o personagem. Suas virtudes e sua capacidade de liderança em meio ao conflito instalado no Ferrabraz foram destacadas e utilizadas como prova de sua bravura e heroísmo. Ao mesmo tempo, a morte de Genuíno Sampaio, em consequência da bala perdida, serviu, naquele momento, de prova de sua bravura, levando Genuíno a ser reconhecido pelas autoridades como herói, que tombou em combate em defesa dos interesses da população de São Leopoldo. Suas decisões, que geravam polêmica até mesmo entre os combatentes, não foram utilizadas pelo narrador para desqualificar o personagem. Ao contrário, as decisões tomadas por Genuíno serviram para demonstrar, através do romance ficcional, sua forte personalidade.

A narrativa mostra como Jacobina e seu combatente, Genuíno, encontravam-se em campos opostos. Observamos que Assis Brasil procurou destacar a atuação de Jacobina como a líder dos Mucker, ao mesmo tempo em que apresentava suas diferentes atuações no Ferrabraz. Por outro lado, Genuíno passa a ser um personagem secundário, que teve na história desempenhando seu papel de liderança militar no combate ao grupo de Jacobina. Jacobina, entretanto, transcende a própria história contada, tornando-se mais significativa – e com sua imagem exaltada pelo autor - que o próprio cenário e os outros personagens envolvidos na trama.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos na narrativa de Assis Brasil uma forte vinculação de Jacobina com o ambiente da Colônia Alemã e com os diferentes laços que a personagem estabeleceu no meio social recriado. Nesse sentido, destacamos que, embora o autor não tenha se proposto a “contar a história” de Jacobina, acabou contribuindo de forma decisiva – no contexto da década de 1990 em diante – para a difusão de um imaginário sobre a líder dos Mucker.

É nessa perspectiva, de discutir a produção – e difusão – de uma nova imagem de Jacobina, associada não mais apenas ao fanatismo religioso e ao desregramento social, que inserimos a obra “Videiras de Cristal”.

A Jacobina apresentada por Assis Brasil passava, através da literatura, a ter uma nova representação, muito mais positiva. Representação essa, que acabou se materializando no imaginário social e contribuindo para a (re) produção de uma nova memória sobre a líder dos colonos que haviam se organizado no morro Ferrabraz, ainda no final do século XIX, em meio às franjas desbotadas do Império, que perdia – progressivamente - sua vitalidade.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **Conflito social no Brasil: a revolta dos “Mucker”**. São Paulo: Símbolo, 1978.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Videiras de cristal**. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BIEHL, João Guilherme. **Jammerthal, o vale da lamentação: crítica à construção do messianismo Mucker**. 1991. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: 1990.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo**. 1996. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1996.

DOMINGUES, Moacyr. **A Nova face dos Mucker**. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LEENHARDT, Jacques. As Luzes da Cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **História Cultural: Experiências de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PETRY, Leopoldo. **O Episódio do Ferrabraz: os mucker**. 2. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1966.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989.

SCHUPP, Ambrósio. **Os Muckers**. 2. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005.

VON KOSERITZ, Carlos. A Fraude Mucker na colônia alemã: uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui. **Koseritz Kalender**.